

Morte anunciada da memória

DF - Brasília

DÊNIO SIMÕES

Herdeiro de fotógrafo anuncia que vai queimar acervo deixado pelo pai

Parte da história de Brasília está com data e local marcados para morrer: 19 de abril, dois dias antes do aniversário de 44 anos da cidade, na UnB. A vítima é o acervo do fotógrafo Gabriel Gondim, já morto, que dedicou 36 anos de sua vida a colecionar registros sobre a história da capital federal. Os responsáveis pela execução são os próprios filhos de Gondim. Às 18h, colocarão fogo em documentos, fotografias, livros, mapas, revistas e outros objetos raros referentes à cidade.

A 'cremação', como a família Gondim chama a destruição da coleção, foi a forma encontrada para protestar contra o descaso das autoridades em relação ao acervo. É uma última tentativa para que alguém se interesse pelo material. Segundo Gabriel Gondim Filho, seu pai queria que a coleção fosse exposta em um museu. "Ele tentou vender tudo várias vezes ao governo do DF, mas não demonstraram interesse em comprar, alegando falta de dinheiro", explica.

"Nunca se ofereceram para cuidar da manutenção e evitar a deterioração dessas raridades", lamenta, mostrando mapas e documentos quase destruídos.

Segundo Gabriel Filho, são 19.334 negativos de fotos e 10.021 slides de personagens e momentos que marcam Brasília. Os livros são 501, incluindo o primeiro impresso na cidade. Há moedas comemorativas da inaugura-

ção de Brasília, de ouro e prata. Objetos pessoais do presidente Juscelino Kubitschek também integram a coleção. Entre eles, um par de óculos e uma gravata. Mapas e plantas referentes à construção da cidade, são 221, doados pela viúva do engenheiro Joffre Mozart Parada.

O acervo completo ocupa 26 caixas, das quais 25 estão guardadas no depósito de uma empresa de transportes. A outra fica em uma quitinete. Pela venda das raridades, a família pede R\$ 2,5 milhões. "Mas fizemos uma pesquisa e sabemos que só os negativos valem R\$ 5 milhões", garante Gabriel Filho.

Ele diz que não doará o material porque seu pai reuniu tudo sozinho e comprou muitas peças com dinheiro próprio, gastando até mais do que podia. Gabriel Filho diz que só venderá para quem realmente tiver interesse no acervo. "Queremos que quem compre se comprometa a conservar e expor as peças, pois é o que meu pai queria", diz.

Jarbas Silva Marques, diretor de Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Cultura, afirma que Gondim se apropriou indevidamente de parte do acervo, como alguns mapas da Novacap. "Só o que tem valor histórico na coleção são esses mapas e o material de Joffre Parada", afirma. "O resto é quinquilharia", conclui o diretor, que tomará providências judiciais para evitar que o acervo se perca.



Fotos do início de Brasília estão entre os documentos que a família Gondim tenta vender. Como não consegue, promete incinerá-los

Filha de Joffre quer reaver peças

Gláucia Marina Parada Nascimento, filha do engenheiro Joffre Parada, não acha que os itens do acervo devam ser vendidos. "Minha mãe doou o material do meu pai logo após a morte dele", conta. Segundo ela, sua mãe fez a doação para que o material fosse exposto ao público. "Quando soubermos que Gondim queria vender tudo, resolvemos pedir as coisas de volta", lembra.

Alguns anos antes de Gondim morrer, Gláucia lhe pediu uma régua utilizada pelo pai e o mapa de desapropriação de terras para a construção de Brasília. "Ele não me devolveu, disse que a falta dessas peças mataria o arquivo", relata. Gláucia, as três irmãs e sua mãe querem o material do engenheiro de volta. "Gostaríamos muito que nos devolvessem o material do meu pai", afirma

Gláucia. "Se estivesse com a gente, doaríamos ao GDF para que eles guardassem em local adequado, como o Arquivo Público, e até colocassem em exposição", revela.

Gabriel Filho não pretende devolver o material de Joffre Parada à família. "Essa parte não será queimada, pois nos foi dada com carinho", afirma. "Mas foi doado, pertence a meu pai, eles não deveriam dizer que querem de volta",

critica. Ele diz que entregar os documentos e mapas ao Arquivo Público seria um erro. "Eles não têm material adequado para restaurar os mapas", diz Gabriel Filho. E diz que o Arquivo nunca demonstrou interesse no material. "Não queremos prejudicar a família de Joffre Parada, que sempre gostou muito do meu pai. Apenas queremos garantir que o acervo tenha o destino certo", explica.